REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA E PRODUÇÃO TEXTUAL ESCOLAR: MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA E MEDIAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND SCHOOL TEXT PRODUCTION: TECHNOLOGICAL MEDIATION AND TEACHER MEDIATION IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

INTELIGENCIA ARTIFICIAL GENERATIVA Y PRODUCCIÓN TEXTUAL ESCOLAR: MEDIACIÓN TECNOLÓGICA Y MEDIACIÓN DOCENTE EN LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA

Maria Sílvia Bacila
Doutora em Educação pela PUCPR, UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
E-mail: bacila@utfpr.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0953-7106

Resumo

Este artigo analisa a Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica nos processos de produção textual escolar, com foco no ensino de Língua Portuguesa. Parte-se do problema de compreender de que maneira essas ferramentas podem contribuir para a aprendizagem da escrita sem substituir a autoria estudantil nem a mediação docente. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter teórico-interpretativo, fundamentada na perspectiva histórico-cultural, na concepção dialógica de linguagem e em estudos sobre cultura digital, letramentos, tecnologias educacionais e inteligência artificial na educação. A análise evidencia que a IAG pode apoiar o planejamento textual, a organização de ideias, a ampliação de repertórios, a revisão linguística e o feedback, desde que inserida em práticas pedagógicas intencionalmente planejadas. Entretanto, seu uso indiscriminado pode provocar dependência tecnológica, padronização discursiva, enfraquecimento da autoria e redução do envolvimento cognitivo dos estudantes. Conclui-se que a IAG deve ser compreendida como instrumento cultural de mediação, capaz de reorganizar as relações entre estudante, professor, linguagem e conhecimento. Seu potencial formativo não está na produção automática de textos, mas nas possibilidades de promover reflexão, revisão, diálogo, autoria e aprendizagem da escrita quando articulada à mediação docente crítica, ética e sistemática.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa; Produção textual escolar; Mediação tecnológica; Mediação docente; Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract

This article analyzes Generative Artificial Intelligence as a form of technological mediation in school text production processes, with a focus on Portuguese Language teaching. It addresses the question of how these tools can contribute to writing development without replacing student authorship or teacher mediation. The study is qualitative, bibliographic, and theoretical-interpretive in nature, grounded in the historical-cultural perspective, the dialogical conception of language, and studies on digital culture, literacies, educational technologies, and artificial intelligence in education. The analysis shows that Generative AI can support textual planning, idea organization, repertoire expansion, linguistic revision, and feedback, provided that it is embedded in intentionally planned pedagogical practices. However, its indiscriminate use may lead to technological dependence, discursive standardization, weakening of authorship, and reduced cognitive engagement among students. The study concludes that Generative AI should be understood as a cultural instrument of mediation, capable of reorganizing the relationships among students, teachers, language, and knowledge. Its formative potential lies not in the automatic production of texts, but in its ability to promote reflection, revision, dialogue, authorship, and writing development when articulated with critical, ethical, and systematic teacher mediation.

Keywords: Generative Artificial Intelligence; School text production; Technological mediation; Teacher mediation; Portuguese Language teaching.

Resumen

Este artículo analiza la Inteligencia Artificial Generativa como mediación tecnológica en los procesos de producción textual escolar, con énfasis en la enseñanza de la Lengua Portuguesa. Se parte del problema de comprender de qué manera estas herramientas pueden contribuir al aprendizaje de la escritura sin sustituir la autoría estudiantil ni la mediación docente. La investigación se caracteriza como cualitativa, de naturaleza bibliográfica y de carácter teórico-interpretativo, fundamentada en la perspectiva histórico-cultural, en la concepción dialógica del lenguaje y en estudios sobre cultura digital, literacidades, tecnologías educativas e inteligencia artificial en la educación. El análisis evidencia que la IAG puede apoyar la planificación textual, la organización de ideas, la ampliación de repertorios, la revisión lingüística y la retroalimentación, siempre que esté inserta en prácticas pedagógicas intencionalmente planificadas. Sin embargo, su uso indiscriminado puede provocar dependencia tecnológica, estandarización discursiva, debilitamiento de la autoría y reducción de la implicación cognitiva de los estudiantes. Se concluye que la IAG debe ser comprendida como

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

instrumento cultural de mediación, capaz de reorganizar las relaciones entre estudiante, profesor, lenguaje y conocimiento. Su potencial formativo no reside en la producción automática de textos, sino en las posibilidades de promover reflexión, revisión, diálogo, autoría y aprendizaje de la escritura cuando se articula con una mediación docente crítica, ética y sistemática.
Palabras clave: Inteligencia Artificial Generativa; Producción textual escolar; Mediación tecnológica; Mediación docente; Enseñanza de la Lengua Portuguesa.

1. Introdução

A emergência da Inteligência Artificial Generativa (IAG) vem produzindo deslocamentos significativos nas formas de ensinar, aprender e produzir linguagem no contexto escolar. No ensino de Língua Portuguesa, essas transformações assumem especial relevância porque incidem diretamente sobre os processos de planejamento, textualização, revisão, reescrita e circulação dos textos, reconfigurando práticas tradicionalmente associadas à mediação pedagógica do professor e à constituição da autoria estudantil. Nesse cenário, torna-se necessário compreender de que modo essas ferramentas passam a atuar nos processos de produção textual escolar e quais implicações pedagógicas, formativas e éticas decorrem de sua incorporação ao cotidiano educativo.

Este artigo discute a Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica nos processos de produção textual escolar, tomando como eixo analítico a relação entre tecnologia, linguagem, aprendizagem e mediação docente no ensino de Língua Portuguesa. Parte-se da compreensão de que a escrita constitui prática social, discursiva, cognitiva e cultural, por meio da qual os estudantes organizam o pensamento, constroem sentidos, produzem conhecimento e desenvolvem autoria. Nessa perspectiva, a presença da inteligência artificial no ensino da escrita requer uma análise crítica e pedagógica, capaz de considerar suas implicações formativas, éticas e educacionais.

A pergunta que orienta este artigo é: de que maneira a Inteligência Artificial Generativa pode ser compreendida como mediação tecnológica nos processos de produção textual escolar, e quais são suas possibilidades e limites para o ensino de

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

Língua Portuguesa? A partir dessa questão, o estudo tem como objetivo geral analisar a IAG como instrumento de mediação tecnológica na produção textual escolar, considerando seus efeitos sobre a aprendizagem da escrita, a autoria e o papel do professor. Como objetivos específicos, busca-se: compreender a produção textual como prática social e processo de construção do conhecimento; discutir a mediação tecnológica à luz da perspectiva histórico-cultural; analisar os impactos da Inteligência Artificial Generativa sobre os processos de produção textual; e refletir sobre a centralidade da mediação docente diante dos desafios da autoria, da criticidade e da aprendizagem da escrita.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida por meio de revisão e análise teórica de produções acadêmicas que articulam ensino de Língua Portuguesa, produção textual escolar, mediação pedagógica e Inteligência Artificial Generativa. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em autores do campo da linguagem e da educação, especialmente nas contribuições da perspectiva histórico-cultural, da concepção dialógica de linguagem e das discussões contemporâneas sobre cultura digital, letramentos e tecnologias educacionais. Também incorpora resultados de pesquisas recentes sobre o uso da IA generativa na produção textual escolar, com o propósito de identificar tendências, possibilidades e riscos associados a essas ferramentas.

Os achados evidenciam que a Inteligência Artificial Generativa pode contribuir para o planejamento da escrita, a organização de ideias, o feedback e os processos de revisão textual, desde que seu uso esteja articulado a intencionalidade pedagógica objetiva e ao acompanhamento docente sistemático. Ao mesmo tempo, o estudo mostra que a incorporação indiscriminada dessas tecnologias pode produzir enfraquecimento da autoria, padronização discursiva, dependência tecnológica e redução do envolvimento cognitivo dos estudantes com a elaboração do texto. A presença da IAG amplia a complexidade dos processos educativos e convoca a escola a construir novas formas de mediação, capazes de preservar a autoria, fortalecer a autonomia intelectual e promover usos críticos da tecnologia no ensino de Língua Portuguesa.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

2. Percurso Metodológico

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter teórico-interpretativo. A opção por esse percurso metodológico justifica-se pela natureza do problema investigado, voltado à compreensão das implicações pedagógicas, linguísticas, formativas e éticas da Inteligência Artificial Generativa nos processos de produção textual escolar no ensino de Língua Portuguesa.

A abordagem qualitativa mostra-se adequada por permitir a análise de fenômenos educacionais em sua complexidade, considerando sentidos, relações, mediações, práticas sociais e contextos formativos. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos valores, das atitudes, das relações e dos processos sociais em sua densidade interpretativa. Nessa perspectiva, compreender a Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica exige interpretar os modos pelos quais essa tecnologia reorganiza as relações entre estudante, professor, linguagem, autoria e conhecimento.

Quanto à natureza bibliográfica, o estudo fundamenta-se em Gil (2002), para quem a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, especialmente livros, artigos científicos e produções acadêmicas que possibilitam ao pesquisador entrar em contato com o conhecimento acumulado sobre determinado tema. Assim, a investigação apoia-se na leitura e análise de referenciais teóricos e estudos científicos que tratam da produção textual escolar, da mediação pedagógica, da mediação tecnológica, da cultura digital, dos letramentos e da Inteligência Artificial Generativa na educação.

O caráter teórico-interpretativo da pesquisa encontra respaldo em Severino (2016), ao compreender que a investigação bibliográfica envolve leitura analítica, interpretação crítica e articulação conceitual das contribuições dos autores. O presente estudo busca construir uma compreensão fundamentada sobre a Inteligência Artificial Generativa como instrumento cultural de mediação nos

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

processos de ensino e aprendizagem da escrita, articulando diferentes campos teóricos.

A seleção do material bibliográfico foi orientada por quatro eixos de análise: produção textual escolar, mediação pedagógica e tecnológica, Inteligência Artificial Generativa na educação e mediação docente no ensino da escrita. Esses eixos foram definidos em diálogo com o problema de pesquisa, que consiste em compreender de que maneira a IAG pode ser concebida como mediação tecnológica nos processos de produção textual escolar e quais são suas possibilidades e limites para o ensino de Língua Portuguesa.

No campo da linguagem e da produção textual, foram mobilizadas contribuições de Bakhtin, Geraldi, Marcuschi, Leal e Brandão, com o objetivo de compreender a escrita como prática social, discursiva, cognitiva e cultural. No campo da mediação e da aprendizagem, a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky constituiu referência central para analisar os instrumentos culturais e os signos como elementos mediadores do desenvolvimento humano. No campo das tecnologias educacionais e da cultura digital, foram considerados autores como Kenski, Lévy, Selwyn, Feenberg, Buckingham e Vicari, que permitem problematizar as tecnologias para além de sua dimensão instrumental.

Além das obras teóricas, foram considerados estudos recentes que discutem a presença da Inteligência Artificial Generativa na educação, especialmente em processos de produção textual, autoria, revisão, feedback, avaliação e formação docente. Esses estudos foram selecionados por sua aproximação com o objeto da pesquisa e por tratarem diretamente das possibilidades, dos limites e das implicações pedagógicas do uso de ferramentas de IA generativa no contexto escolar.

O processo de análise foi desenvolvido em três movimentos complementares. O primeiro consistiu na leitura exploratória das referências, com a finalidade de identificar conceitos centrais relacionados à escrita, autoria, mediação, cultura digital e inteligência artificial. O segundo movimento envolveu a leitura seletiva e analítica

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

dos textos, buscando reconhecer aproximações, tensões e contribuições para o problema investigado. O terceiro movimento consistiu na interpretação teórica do material, organizada a partir das seguintes categorias analíticas: produção textual como prática social, IAG como mediação tecnológica, mediação docente diante da IA, autoria estudantil, riscos de padronização discursiva e possibilidades pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa.

Como critérios de inclusão, foram considerados textos que abordam a produção textual escolar, a mediação pedagógica, a perspectiva histórico-cultural, a cultura digital, os letramentos, a inteligência artificial na educação e os impactos da IAG nos processos de escrita. Foram desconsiderados materiais de caráter meramente opinativo, publicitário ou técnico-operacional que não apresentassem contribuição teórica, pedagógica ou analítica para o objeto do estudo.

A análise teve como finalidade construir uma interpretação teórica capaz de articular os referenciais selecionados ao debate contemporâneo sobre Inteligência Artificial Generativa e produção textual escolar. A centralidade da investigação recai sobre as práticas pedagógicas, os processos de mediação docente e as condições formativas necessárias para que seu uso contribua com a autoria, a reflexão, a aprendizagem da escrita e a autonomia intelectual dos estudantes.

O percurso metodológico adotado permitiu analisar criticamente a Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica no ensino de Língua Portuguesa, compreendendo-a como instrumento cultural que reorganiza as relações entre estudante, professor, linguagem e conhecimento. Essa compreensão orienta a discussão desenvolvida nas seções seguintes, nas quais se problematizam tanto as possibilidades pedagógicas da IAG quanto os riscos de seu uso indiscriminado nos processos de produção textual escolar.

3. A produção textual como prática social e processo de construção do conhecimento

As discussões contemporâneas sobre o ensino da produção textual têm se afastado progressivamente de concepções centradas exclusivamente na

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

aprendizagem de regras gramaticais e estruturas linguísticas, passando a assumir uma compreensão da escrita como prática social, discursiva, cognitiva e cultural. Nessa perspectiva, escrever deixa de ser entendido como simples transcrição do pensamento ou aplicação de normas da língua e passa a constituir um processo de elaboração intelectual mediado pelas relações sociais, pelos contextos comunicativos e pelas finalidades da linguagem.

Leal e Brandão (2007), afirmam que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores consiste justamente em compreender que ensinar a escrever exige muito mais do que solicitar redações aos estudantes; implica criar condições didáticas para que a escrita seja efetivamente aprendida como prática social. As organizadoras destacam que as dúvidas dos professores envolvem desde a escolha dos gêneros textuais até as estratégias de revisão, planejamento e articulação entre leitura, oralidade e análise linguística, evidenciando a complexidade do ensino da escrita.

Essa compreensão aproxima-se da concepção bakhtiniana de linguagem. Para Bakhtin (2016), toda produção verbal ocorre em situações concretas de interação, sendo os enunciados produzidos em resposta a outros enunciados e destinados a interlocutores específicos. Desse modo, o texto nunca constitui um produto isolado; ele nasce de relações sociais historicamente construídas, carregando intenções, valores, posicionamentos e expectativas compartilhadas pelos sujeitos envolvidos no processo comunicativo.

Sob essa ótica, a escrita escolar precisa ser compreendida como prática de interlocução. O estudante escreve porque possui algo a dizer, dirige-se a alguém e mobiliza diferentes recursos linguísticos para alcançar determinados efeitos de sentido. A aprendizagem da escrita, envolve a apropriação progressiva dos diferentes gêneros discursivos que circulam socialmente.

Essa perspectiva é reforçada por Marcuschi (2008), ao afirmar que os gêneros textuais constituem formas relativamente estáveis de ação social. Segundo o autor, ensinar produção textual significa inserir os estudantes em práticas efetivas de linguagem, permitindo-lhes compreender que cada gênero possui finalidades

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

comunicativas, formas de organização e condições específicas de circulação. Escrever implica mobilizar conhecimentos linguísticos, discursivos, pragmáticos e socioculturais, articulando diferentes competências necessárias à participação na vida social.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incorpora essa compreensão ao definir a linguagem como prática social e estabelecer que o ensino de Língua Portuguesa deve promover o desenvolvimento das capacidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguística em situações significativas de uso da língua. A produção textual é concebida como prática contextualizada, orientada para a construção de sentidos e para a participação crítica dos estudantes nas diferentes esferas sociais (BRASIL, 2018).

Essa mudança representa importante ruptura com modelos tradicionais de ensino da redação escolar. Durante décadas predominou uma concepção segundo a qual escrever significava reproduzir estruturas previamente definidas pelo professor, frequentemente desvinculadas das práticas reais de comunicação. Nessa lógica, a produção textual era reduzida ao preenchimento de exercícios, ao treinamento de estruturas sintáticas ou à reprodução de modelos considerados corretos.

Em contraposição, Geraldi (2013) argumenta que a escrita constitui espaço privilegiado de produção de conhecimento e de construção da subjetividade. Para o autor, escrever significa organizar o pensamento, selecionar informações, antecipar interlocutores, revisar argumentos e produzir sentidos socialmente compartilhados. A atividade de escrita além de comunicar ideias, transforma quem escreve, uma vez que exige reflexão constante sobre a própria linguagem.

Essa dimensão cognitiva da produção textual também é destacada por Leal e Brandão (2007), que defendem a necessidade de compreender a escrita como atividade simultaneamente social e cognitiva. Segundo as autoras, escrever envolve planejamento, textualização, revisão e reescrita, processos que demandam intervenções didáticas sistemáticas por parte do professor.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

A revisão textual assume, nesse contexto, papel fundamental. Longe de representar mera correção gramatical, ela constitui etapa essencial do processo de construção do texto, permitindo ao estudante avaliar a coerência das ideias, a organização argumentativa, a adequação ao gênero e aos objetivos comunicativos. Escrever passa a ser entendido como processo recursivo, em que planejamento, escrita e revisão se articulam continuamente.

Esse entendimento dialoga diretamente com as discussões contemporâneas sobre autoria. A produção textual escolar requisita favorecer o desenvolvimento de sujeitos capazes de posicionar-se criticamente diante do mundo, produzir argumentos próprios e assumir responsabilidade pelos sentidos construídos em seus textos. A autoria, nessa perspectiva, corresponde à capacidade de mobilizar diferentes vozes sociais para construir um posicionamento singular diante dos problemas apresentados.

Essa concepção torna-se particularmente relevante diante da expansão das tecnologias digitais e, mais recentemente, da inteligência artificial generativa. Se escrever é processo social, cognitivo e discursivo, qualquer tecnologia que interfira nas etapas de planejamento, textualização, revisão ou circulação dos textos também passa a interferir nas formas pelas quais os sujeitos aprendem a escrever. Assim, compreender a escrita como prática social constitui condição indispensável para analisar criticamente os impactos da inteligência artificial sobre os processos de produção textual escolar.

Nessa direção, o estudo bibliográfico realizado para esta pesquisa evidencia que a produção científica recente vem deslocando o debate da simples utilização da inteligência artificial para a compreensão de como essas ferramentas reorganizam os processos de aprendizagem da escrita. Os estudos analisados indicam que a IA generativa pode atuar como apoio ao planejamento textual, à organização de ideias, ao feedback e à revisão, mas também apontam riscos relacionados ao enfraquecimento da autoria, à padronização discursiva e à dependência tecnológica quando utilizada sem adequada mediação pedagógica.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

Esses resultados reforçam a necessidade de compreender a produção textual como processo formativo complexo, no qual diferentes instrumentos culturais, entre eles as tecnologias digitais e a inteligência artificial, participam da construção do conhecimento. Sob essa perspectiva, o desafio contemporâneo deixa de ser simplesmente incorporar novas ferramentas ao ensino da escrita e passa a consistir em compreender de que maneira tais tecnologias podem potencializar, sem substituir, os processos de reflexão, autoria e aprendizagem que caracterizam a produção textual escolar.

4. Mediação tecnológica, aprendizagem e produção textual: contribuições da perspectiva histórico-cultural

As profundas transformações produzidas pelas tecnologias digitais nas últimas décadas têm modificado significativamente as formas de acesso ao conhecimento, de interação social e de produção da linguagem. No contexto educacional, essas mudanças desafiam concepções tradicionais de ensino e aprendizagem, exigindo referenciais teóricos capazes de compreender a tecnologia para além de um recurso didático, mas como elemento constitutivo dos processos cognitivos e culturais. Nessa direção, a teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky oferece importantes fundamentos para compreender a inteligência artificial generativa como instrumento de mediação tecnológica nos processos de produção textual.

Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da mediação de instrumentos e signos construídos historicamente pela humanidade. A aprendizagem resulta das relações sociais estabelecidas entre sujeitos que compartilham práticas culturais, linguagens e instrumentos simbólicos. A mediação constitui, portanto, o princípio organizador do desenvolvimento humano, uma vez que transforma a relação direta entre sujeito e objeto em uma relação mediada por artefatos culturais.

Sob essa perspectiva, a escrita representa um dos mais importantes instrumentos culturais produzidos pela humanidade. Mais do que registrar

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

informações, ela reorganiza o pensamento, amplia a capacidade de abstração e possibilita novas formas de construção do conhecimento. Escrever implica planejar, selecionar informações, estabelecer relações lógicas, revisar argumentos e produzir sentidos para interlocutores socialmente situados.

Essa compreensão aproxima-se da concepção defendida por Geraldi (2015), segundo a qual escrever significa participar de práticas sociais de linguagem, construindo sentidos em interação com outros sujeitos. Da mesma forma, Marcuschi (2008) afirma que os textos constituem formas de ação social, produzidas em contextos específicos de comunicação e organizadas segundo objetivos discursivos determinados.

A centralidade da mediação também aparece nas discussões de Leal e Brandão (2007), quando defendem que ensinar produção textual exige criar situações didáticas capazes de apoiar o estudante em todas as etapas do processo de escrita. Para as autoras, o professor atua como mediador da aprendizagem ao organizar atividades de planejamento, textualização, revisão e reescrita, favorecendo a construção gradual da autonomia do escritor.

Ao discutir a emergência das inteligências artificiais generativas, torna-se necessário ampliar essa concepção de mediação. Se, para Vygotsky, os instrumentos culturais reorganizam as funções psicológicas superiores, as tecnologias digitais contemporâneas podem ser compreendidas como novos instrumentos mediadores que transformam as formas pelas quais os sujeitos leem, escrevem, pesquisam, organizam informações e produzem conhecimento.

Compreender a inteligência artificial como mediação tecnológica não significa atribuir-lhe autonomia pedagógica. Ao contrário, a literatura recente demonstra que os efeitos educacionais dessas ferramentas dependem das formas pelas quais elas são incorporadas às práticas escolares. Em pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio, Gonçalves e Bodolay (2025) observaram que o uso do ChatGPT favoreceu alguns aspectos relacionados à organização textual e ao esclarecimento de dúvidas, mas também evidenciou limitações importantes decorrentes da pouca maturidade dos estudantes para explorar criticamente as potencialidades da

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

ferramenta. As autoras concluem que, mesmo em ambientes altamente tecnologizados, "tal proposição nos leva a inferir que, mesmo em aulas que envolvam tecnologia, é de extrema importância a ação mediadora do professor" (Gonçalves e Bodolay, 2025, p. 1), reafirmando que a inteligência artificial não substitui os processos pedagógicos de acompanhamento da aprendizagem.

Essa constatação desloca o debate educacional para uma questão fundamental: o problema não reside na presença da inteligência artificial na escola, mas nas formas de mediação construídas em torno de seu uso. A tecnologia deixa de ser compreendida como solução automática para os desafios educacionais e passa a ser analisada como artefato cultural cujo potencial depende das práticas pedagógicas que a acompanham.

Nessa mesma direção, Fernandes (2024), ao problematizar o conceito de autoria a partir da comparação entre textos produzidos por inteligência artificial e textos elaborados por sujeitos-alunos em contexto escolar, evidencia que a IA, em seu estágio atual, opera de modo distinto da autoria humana. Fundamentada na Análise do Discurso de vertente materialista, a autora compreende a linguagem como materialidade discursiva e ideológica, destacando que os textos gerados pelo ChatGPT tendem a operar pela repetição parafrástica do dizer, produzindo enunciados coerentes e vinculados ao já dado, com efeitos de autoria próprios da escrita automatizada.

A inteligência artificial realiza um simulacro da função-autor, uma vez que reorganiza dados disponíveis no arquivo digital a partir dos comandos recebidos. A análise reforça que a autoria permanece vinculada à historicidade, à subjetividade e à produção singular de sentidos, dimensões próprias da experiência humana de escrita. Ainda que o sujeito-aluno possa apropriar-se do texto produzido pela IA e assumir uma posição escrevente, tal processo exige mediação pedagógica para favorecer práticas mais conscientes de leitura, reescrita, elaboração intelectual e produção autoral.

Esse debate dialoga diretamente com a noção de mediação tecnológica proposta neste estudo. Parte-se de uma perspectiva crítica, segundo a qual os

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

efeitos das tecnologias são produzidos nas relações sociais, nas finalidades educativas, nas condições institucionais e nas práticas pedagógicas que orientam seu uso. Como indicam autores críticos do campo das tecnologias e da educação, entre eles Feenberg (2002), Selwyn (2022) e Kenski (2010), os instrumentos tecnológicos adquirem sentido pedagógico a partir dos contextos em que são incorporados e das mediações construídas em torno deles.

Nessa perspectiva, a Inteligência Artificial Generativa pode ser compreendida como instrumento cultural que passa a mediar as relações entre estudante, linguagem, conhecimento e professor, adquirindo significado pedagógico quando inserida em práticas sociais de ensino e aprendizagem intencionalmente organizadas. Sob essa perspectiva, a inteligência artificial generativa constitui um novo mediador das relações entre estudante, linguagem, conhecimento e professor. Sua atuação integra redes complexas de interação que envolvem objetivos didáticos, critérios de avaliação, formas de acompanhamento docente e processos colaborativos de construção do conhecimento.

Essa compreensão aproxima-se das discussões contemporâneas sobre cultura digital, letramentos e escrita mediada por inteligência artificial. A literatura internacional tem deslocado o debate da simples permissão ou proibição do uso da IA para a construção de práticas pedagógicas capazes de orientar sua utilização de forma crítica, reflexiva e formativa. Nesse sentido, Radtke e Rummel (2025) demonstram que, no contexto da escrita acadêmica, os textos gerados por IA exigem revisão criteriosa por parte dos estudantes, uma vez que a capacidade de revisar conteúdos produzidos por sistemas generativos tende a se tornar cada vez mais importante nos processos de aprendizagem. As autoras evidenciam, ainda, que estudantes com maior experiência em escrita acadêmica identificam mais aspectos a serem aprimorados e realizam revisões mais extensas, independentemente de o texto ser apresentado como produzido por pares ou por inteligência artificial. A preocupação central desloca-se para a preservação da autoria, da autonomia intelectual e da participação ativa do estudante durante todo o processo de produção, revisão e reescrita textual (Radtke; Rummel, 2025).

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

Nesse cenário, a mediação docente assume papel ainda mais relevante. Se anteriormente o professor era responsável por mediar predominantemente a relação entre estudante e conhecimento, passa agora a mediar também a interação entre estudante e sistemas inteligentes capazes de produzir textos, responder perguntas, revisar argumentos e sugerir diferentes formas de organização discursiva. Essa ampliação da mediação redefine as competências docentes, exigindo conhecimentos relacionados à educação digital, ao letramento informacional, à ética da inteligência artificial e à avaliação crítica dos conteúdos produzidos por sistemas generativos.

A mediação docente no ensino de produção textual no Ensino Médio constitui elemento fundamental para que o estudante avance de uma escrita ainda inicial ou pouco planejada para formas mais conscientes, autorais e reflexivas de organização do discurso. Na pesquisa de Nicolodi (2005), fundamentada na perspectiva histórico-cultural, a atuação do professor é compreendida como mediação intencional que se articula à zona de desenvolvimento proximal, uma vez que o docente, como sujeito mais experiente, propõe estratégias capazes de auxiliar o estudante a superar limites momentâneos no processo de aprendizagem da escrita.

No caso específico das aulas de redação, essa mediação não se restringe à correção do produto final, mas envolve o acompanhamento das etapas de planejamento, organização de ideias, construção de argumentos, revisão e reescrita. A intervenção docente possibilita que o estudante se aproprie de procedimentos reflexivos necessários à produção de enunciados escritos, tornando-se mais consciente dos discursos que mobiliza e dos sentidos que produz. A mediação do professor configura-se como diálogo formativo que favorece a constituição de um sujeito ativo, capaz de interagir com outros interlocutores e desenvolver sua própria prática linguageira.

5. Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica nos processos de produção textual

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

O surgimento da Inteligência Artificial Generativa (IAG) inaugura um novo momento nas relações entre tecnologia, linguagem e educação. Diferentemente das tecnologias digitais tradicionalmente utilizadas em ambientes escolares, como editores de texto, plataformas virtuais de aprendizagem ou mecanismos de busca, os modelos generativos de linguagem possuem capacidade de produzir textos, sintetizar informações, elaborar argumentos, responder perguntas, revisar produções escritas e estabelecer interações em linguagem natural. Essas características deslocam a inteligência artificial da condição de simples suporte técnico para a de agente mediador dos processos de produção textual, alterando significativamente as formas pelas quais estudantes e professores se relacionam com a escrita.

Embora o desenvolvimento da inteligência artificial esteja vinculado ao campo da Ciência da Computação, seus impactos extrapolam os aspectos tecnológicos e alcançam dimensões cognitivas, linguísticas, culturais e pedagógicas. Vicari (2021) evidencia que a IA possui origem multidisciplinar e, ao longo de sua trajetória, passou a dialogar com áreas como Filosofia, Matemática, Linguagem, Ciências Cognitivas e Neurociências, ampliando suas possibilidades de aplicação em diferentes campos, especialmente na educação.

No contexto educacional, a autora destaca o uso de tecnologias associadas ao Processamento de Linguagem Natural, à análise e interpretação de textos, aos sistemas tutores inteligentes, aos ambientes virtuais de aprendizagem e aos mecanismos de recomendação de conteúdos, apontando para novas formas de personalização e apoio aos processos de ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo, ressalta a necessidade de educar para o uso consciente da IA, considerando aspectos éticos, de governança e de proteção dos sujeitos. Assim, na formação de professores, o debate sobre inteligência artificial exige propostas pedagógicas que favoreçam a criticidade, a autoria, a autonomia intelectual e a mediação docente qualificada diante dos novos ecossistemas educacionais digitais (Vicari, 2021).

Essa perspectiva rompe com interpretações simplificadoras que classificam a inteligência artificial apenas como ameaça ou solução para os problemas

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

educacionais. Conforme já advertia Paulo Freire (2011, p. 35), "divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado". A tecnologia não possui, por si mesma, potencial emancipador ou alienante; seus efeitos dependem das relações sociais, culturais e pedagógicas que organizam seu uso. Compreender a inteligência artificial requer deslocar a análise da ferramenta para as práticas educativas que se constroem em torno dela.

Nessa direção, Kenski (2010) argumenta que as tecnologias nunca são neutras. “As tecnologias invadem nossas vidas, ampliam nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam capacidades naturais do ser humano” (Kenski, 2010, p. 19). Ao serem incorporadas às práticas educativas, reorganizam tempos, espaços, formas de interação e modos de produzir conhecimento. A autora destaca que a inovação tecnológica somente produz mudanças significativas quando acompanhada por transformações nas práticas pedagógicas, reforçando que o elemento central da aprendizagem continua sendo a mediação realizada pelos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Essa concepção aproxima-se das discussões de Pierre Lévy (1999), para quem as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de construção coletiva do conhecimento, constituindo aquilo que denomina inteligência coletiva. Segundo o autor, os ambientes digitais potencializam novas formas de cooperação intelectual, compartilhamento de saberes e circulação da informação.

Ao analisar especificamente a presença da inteligência artificial na escola, Selwyn (2022) chama atenção para o risco de interpretações excessivamente otimistas acerca das tecnologias educacionais. O autor afirma que toda inovação tecnológica produz simultaneamente oportunidades e desigualdades, exigindo análises que considerem seus efeitos sobre as relações de poder, os processos de ensino e as formas de participação dos estudantes.

Essa problematização ganha especial relevância quando o foco recai sobre a produção textual escolar. Escrever constitui atividade intelectual complexa que envolve planejamento, seleção lexical, organização argumentativa, monitoramento da coerência, revisão, reescrita e reflexão metalinguística. A inteligência artificial

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

generativa passa a interferir diretamente em todas essas etapas, oferecendo sugestões de estrutura, organização de ideias, correções linguísticas, ampliação vocabular e elaboração de argumentos.

Observa-se uma mudança qualitativa em relação às tecnologias anteriormente presentes na escola. Enquanto corretores ortográficos ou plataformas digitais auxiliavam aspectos pontuais da escrita, os grandes modelos de linguagem são capazes de participar ativamente da elaboração do texto, aproximando-se das funções tradicionalmente desempenhadas por interlocutores humanos durante os processos de revisão e produção colaborativa.

Os estudos recentes confirmam essa tendência. Gonçalves e Bodolay (2025), ao compararem textos produzidos com e sem auxílio do ChatGPT, verificaram melhorias relacionadas à coerência temática, à organização das ideias e à estrutura argumentativa. Contudo, observaram também que muitos estudantes utilizaram a ferramenta de maneira superficial, limitando-se à reprodução das respostas produzidas pela inteligência artificial. As autoras concluem que os melhores resultados ocorreram quando a tecnologia foi utilizada para esclarecer dúvidas e apoiar processos reflexivos, reafirmando a importância da mediação docente durante todas as etapas da produção textual.

Resultados semelhantes são encontrados por Albuquerque (2026), cuja pesquisa investigou as contribuições da inteligência artificial no ensino e na avaliação da redação do ENEM, a partir de uma proposta de formação continuada com professores de Língua Portuguesa. Os resultados evidenciaram que a formação ampliou os conhecimentos docentes sobre o uso da IA no planejamento pedagógico, na elaboração de atividades e na avaliação da produção textual, favorecendo a passagem de uma postura inicial marcada por dúvidas e inseguranças para uma compreensão mais crítica, ética e reflexiva dessas tecnologias.

A autora destaca que a IA pode contribuir para otimizar o tempo de correção, oferecer diagnósticos iniciais por competência e qualificar o feedback aos estudantes, desde que sua utilização esteja articulada à intencionalidade pedagógica e à mediação docente. Nesse sentido, a inteligência artificial não

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

substitui o professor, mas amplia suas possibilidades de atuação, exigindo formação continuada para que seu uso fortaleça a autoria, a criatividade, a aprendizagem significativa e o desenvolvimento da escrita dos estudantes (Albuquerque, 2026).

Essa preocupação também aparece na pesquisa desenvolvida por Jesus, Soares e Ribeiro (2025). Ao analisarem produções textuais mediadas por inteligência artificial na Educação Básica, os autores identificaram um processo de esvaziamento da subjetividade e da autoria, evidenciado pela padronização discursiva e pela redução das marcas individuais de escrita. Segundo os pesquisadores, "os impactos do uso constante de inteligências artificiais na produção textual geram um apagamento da autoria e da implicação pessoal do estudante", enfraquecendo a escrita como espaço de reflexão crítica e expressão subjetiva.

Essa questão é particularmente significativa porque permite compreender a produção textual para além da qualidade linguística do texto, considerando sua dimensão formativa. A aprendizagem da escrita envolve processos de elaboração intelectual, planejamento argumentativo, construção de sentidos e desenvolvimento cognitivo, que se realizam durante a produção, a revisão e a reescrita. Nessa perspectiva, a inteligência artificial pode contribuir pedagogicamente quando integrada a práticas que preservem a participação ativa do estudante, favoreçam a reflexão sobre a linguagem e fortaleçam as competências cognitivas mobilizadas pela atividade de escrita.

É nesse ponto que a noção de mediação tecnológica assume centralidade. Esta pesquisa compreende a inteligência artificial como instrumento cultural que participa dos processos de aprendizagem por meio das relações estabelecidas entre estudante, professor, linguagem e conhecimento. Sua potência pedagógica emerge dos processos de mediação construídos em torno de seu uso, das intencionalidades educativas que orientam sua incorporação e das práticas formativas que preservam a autoria, a reflexão e a aprendizagem da escrita.

Sob essa perspectiva, a inteligência artificial generativa deve ser compreendida como um novo instrumento cultural que reorganiza as formas de ensinar e aprender a escrever. Seu potencial educativo depende menos de sua

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

capacidade tecnológica e mais das estratégias de mediação construídas pelos professores, das intencionalidades pedagógicas que orientam seu uso e das oportunidades oferecidas aos estudantes para refletirem criticamente sobre os próprios processos de produção textual.

6. A mediação docente diante da Inteligência Artificial Generativa: autoria, criticidade e aprendizagem da escrita

O avanço da Inteligência Artificial Generativa (IAG) impõe à escola um desafio que ultrapassa a incorporação de uma nova tecnologia aos processos de ensino. Diferentemente de recursos digitais tradicionalmente utilizados em atividades escolares, os grandes modelos de linguagem participam diretamente da elaboração do texto, interferindo no planejamento, na organização das ideias, na revisão linguística e até mesmo na construção da argumentação. Essa característica desloca o foco do debate educacional para uma questão mais complexa: de que maneira preservar os processos formativos da escrita quando parte das operações cognitivas pode ser realizada por sistemas inteligentes?

Responder a essa questão exige compreender que a aprendizagem da escrita envolve processos formativos que ultrapassam o produto textual final. Como demonstram Bakhtin (2016), Geraldi (2015) e Marcuschi (2008), escrever constitui uma atividade social, discursiva e cognitiva que envolve planejamento, negociação de sentidos, interação com interlocutores, revisão constante e construção progressiva da autoria. Nessa perspectiva, o valor pedagógico da escrita reside menos na produção de um texto formalmente correto do que nos processos intelectuais mobilizados durante sua elaboração.

É precisamente essa dimensão processual que pode ser comprometida quando a inteligência artificial deixa de atuar como instrumento de apoio e passa a substituir etapas fundamentais da aprendizagem. Estudos recentes têm evidenciado que a utilização indiscriminada de sistemas generativos pode reduzir o envolvimento cognitivo do estudante com atividades de elaboração conceitual, seleção lexical,

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

organização argumentativa e revisão crítica, deslocando parte significativa do trabalho intelectual para algoritmos treinados em grandes bases de dados.

Essa constatação reforça a necessidade de compreender a tecnologia a partir das mediações pedagógicas que orientam seu uso. Os estudos analisados convergem para o entendimento de que os efeitos da inteligência artificial dependem da qualidade do acompanhamento docente e das intencionalidades educativas que estruturam as práticas escolares. Gonçalves e Bodolay (2025), ao analisarem produções textuais com apoio do ChatGPT, observaram contribuições relacionadas à organização textual e ao esclarecimento de dúvidas, sobretudo quando a ferramenta foi integrada a processos reflexivos conduzidos pelo professor. As autoras destacam a centralidade da ação mediadora docente mesmo em contextos altamente tecnologizados.

Essa questão dialoga diretamente com a pedagogia freireana. Para Freire (2011), ensinar consiste em criar possibilidades para que os estudantes produzam conhecimento de forma crítica e situada. A educação constitui prática dialógica em que professores e estudantes aprendem conjuntamente, problematizam o mundo e constroem novos significados. Nessa perspectiva, a tecnologia adquire sentido educativo quando integrada a processos de reflexão, diálogo, autoria e emancipação humana.

A inteligência artificial pode ser compreendida como instrumento de apoio aos processos de elaboração do pensamento, investigação, revisão, comparação de argumentos, organização de informações e desenvolvimento da metacognição. Sua contribuição pedagógica se fortalece quando é tomada como objeto de reflexão crítica e como mediação orientada pela ação docente, favorecendo a autoria, a aprendizagem da escrita e a construção consciente de sentidos pelos estudantes.

Buckingham (2022), ao discutir a educação midiática, argumenta que a escola deve preparar os estudantes para compreender criticamente os meios digitais, seus modos de funcionamento e seus impactos sociais. Essa perspectiva amplia significativamente o debate sobre inteligência artificial, pois desloca a atenção da aprendizagem operacional das ferramentas para o desenvolvimento de

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

competências analíticas capazes de interpretar seus limites, potencialidades, interesses econômicos, vieses algorítmicos e implicações éticas.

Os estudos nacionais reforçam essa preocupação. Jesus, Soares e Ribeiro (2025), ao analisarem produções textuais elaboradas com auxílio da inteligência artificial, identificaram redução das marcas de subjetividade, homogeneização discursiva e enfraquecimento da autoria. Os autores afirmam que o uso recorrente dessas ferramentas pode transformar a escrita em atividade predominantemente reprodutiva, reduzindo o espaço destinado à elaboração pessoal do pensamento e à construção da identidade discursiva dos estudantes.

Em perspectiva complementar, Albuquerque (2026), ao investigar professores de Língua Portuguesa no contexto de uma proposta formativa voltada ao uso da inteligência artificial no ensino e na avaliação da redação do ENEM, verificou que os docentes reconhecem a capacidade dessas tecnologias para apoiar processos de revisão, planejamento textual, diagnóstico e feedback. No entanto, também manifestam preocupação quanto à preservação da criatividade, da autoria e da autonomia intelectual dos estudantes. Segundo os participantes da pesquisa, cabe ao professor estabelecer critérios objetivos para a utilização da IA, evitando que ela substitua atividades essenciais ao desenvolvimento da competência escritora.

Esses achados permitem compreender que a mediação docente adquire nova configuração na cultura digital. Se anteriormente o professor organizava predominantemente a interação entre estudante e conhecimento, passa agora a mediar também a relação entre estudante e sistemas inteligentes capazes de produzir discursos linguisticamente sofisticados. Essa ampliação das responsabilidades docentes exige novas competências profissionais relacionadas à avaliação crítica da inteligência artificial, à elaboração de atividades que preservem a autoria dos estudantes e ao desenvolvimento de práticas de escrita colaborativa mediadas pela tecnologia.

A mediação docente deixa de ser compreendida como simples transmissão de conteúdos para assumir a função de organização das experiências de aprendizagem. Cabe ao professor criar situações em que a inteligência artificial

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

favoreça a reflexão metalinguística, estimule processos de revisão consciente, amplie repertórios argumentativos e fortaleça a autonomia intelectual, sem substituir a participação ativa do estudante na construção do texto.

A principal contribuição deste estudo consiste em compreender a inteligência artificial generativa como instrumento de mediação cultural que reorganiza as relações entre professor, estudante, linguagem e conhecimento. Nessa reorganização das mediações situam-se os principais desafios e possibilidades para o ensino de produção textual na contemporaneidade, especialmente no que se refere à autoria, à aprendizagem da escrita, à mediação docente e à formação crítica dos estudantes diante das tecnologias digitais.

7. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar a Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica nos processos de produção textual escolar, considerando suas possibilidades e seus limites para o ensino de Língua Portuguesa. A partir da perspectiva histórico-cultural, da concepção dialógica de linguagem e dos estudos sobre cultura digital e tecnologias educacionais, buscou-se compreender a IAG para além da dimensão de uma ferramenta técnica, mas como instrumento cultural que passa a reorganizar as relações entre estudante, professor, linguagem e conhecimento.

A análise desenvolvida permitiu evidenciar que a produção textual necessita superar uma visão reduzida vinculada ao resultado final de uma atividade escolar, ao domínio de regras gramaticais ou à reprodução de modelos previamente estabelecidos. A escrita constitui prática social, discursiva, cognitiva e cultural, por meio da qual os estudantes organizam o pensamento, constroem sentidos, dialogam com diferentes vozes sociais e desenvolvem autoria. Qualquer tecnologia que intervenha nas etapas de planejamento, textualização, revisão e reescrita também interfere nos processos formativos envolvidos na aprendizagem da escrita.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

Nesse contexto, a principal contribuição deste artigo consiste em situar a Inteligência Artificial Generativa no campo da Educação Tecnológica, compreendendo-a como mediação situada, histórica, cultural e pedagógica. Trata-se de um instrumento cultural que passa a integrar os processos de produção do conhecimento, exigindo da escola e dos professores novas formas de organização didática, acompanhamento, problematização ética e formação crítica. Essa compreensão desloca o debate da simples oposição entre permitir ou proibir o uso da inteligência artificial para uma análise mais complexa sobre as condições pedagógicas, culturais e formativas que orientam sua incorporação ao ensino.

Para o campo do ensino de Língua Portuguesa, o estudo contribui ao demonstrar que a Inteligência Artificial Generativa pode apoiar o planejamento textual, a organização de ideias, a ampliação de repertórios, a revisão linguística e o feedback, desde que inserida em práticas intencionalmente planejadas. Seu potencial pedagógico reside na possibilidade de favorecer processos de reflexão, comparação, reescrita, análise crítica e desenvolvimento da autoria. A IAG pode qualificar o ensino da escrita quando utilizada como objeto de investigação e mediação, jamais como substituta da elaboração intelectual do estudante.

Os estudos analisados também indicam limites importantes. O uso indiscriminado da IAG pode provocar dependência tecnológica, padronização discursiva, enfraquecimento da autoria e redução do envolvimento cognitivo dos estudantes com a elaboração textual. Quando a ferramenta passa a substituir o processo de construção do pensamento, a escrita corre o risco de perder sua função formativa, convertendo-se em reprodução de respostas geradas automaticamente. A presença da inteligência artificial na escola exige critérios pedagógicos claros, práticas de acompanhamento e reflexão sobre seus efeitos na linguagem, na aprendizagem e na constituição da autoria.

Reafirma-se a centralidade da mediação docente. A IAG não substitui o professor, tampouco elimina a necessidade de intervenção pedagógica sistemática. Sua presença amplia a complexidade da ação docente, exigindo novas competências relacionadas ao letramento digital, à avaliação crítica das

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

informações, à ética no uso das tecnologias, à preservação da autoria e à construção de práticas de escrita que promovam autonomia intelectual.

A contribuição deste artigo está em propor uma leitura da Inteligência Artificial Generativa como mediação tecnológica situada entre a Educação Tecnológica e o ensino de Língua Portuguesa. Essa perspectiva permite compreender que a inovação pedagógica se realiza na transformação das ferramentas digitais em instrumentos de reflexão, diálogo, autoria e aprendizagem. O desafio contemporâneo consiste em formar sujeitos capazes de utilizar a inteligência artificial de maneira ética, crítica, criativa e consciente, preservando a escrita como espaço de elaboração do pensamento, expressão subjetiva, produção de sentidos e participação social.

Referências

ALBUQUERQUE, Adriana Mota. Inteligência Artificial na formação docente: desenvolvimento e avaliação de uma proposta para o ensino e a avaliação da redação do ENEM. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 36, p. 1-28, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/786470691. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/inteligencia-artificial-na-formacao-docente-desenvolvimento-e-avaliacao-de-uma-proposta-para-o-ensino-e-a-avaliacao-da-redacao-do-enem. Acesso em: 2 set. 2026.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

FEENBERG, Andrew. **Transforming technology: a critical theory revisited**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

FERNANDES, Carolina. A autoria em textos produzidos por inteligência artificial e por alunos em uma perspectiva discursiva. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 214-235, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i2.2183. Disponível em:

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 1/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2183. Acesso em: 29 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Sirlene da Silva; BODOLAY, Adriana Nascimento. Análise comparativa entre textos produzidos com e sem auxílio de inteligência artificial no Ensino Médio. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 10, p. 1-22, 2025. DOI: 10.56238/arev7n10-003. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/8677. Acesso em: 2 set. 2026.

JESUS, Lucas Mariano de; SOARES, Juliana de Paiva Vieira; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualização e IA na produção de textos: impactos da tecnologia digital na Educação Básica. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 87-106, 2025. DOI: 10.47677/gluks.v25i02.541. Disponível em: https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/541. Acesso em: 2 set. 2026.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves (org.). **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NICOLODI, Elaine. **A mediação do professor na atividade de produção de textos de alunos concluintes do Ensino Médio**. 2005. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/08/2026 - **Accepted:** 11/09/2026
Vol: 13.19
DOI: 10.66104/raxq3q67
Pages: 1-27

RADTKE, Anna; RUMMEL, Nikol. Generative AI in academic writing: does information on authorship impact learners' revision behavior? **Computers and Education: Artificial Intelligence**, [s. l.], v. 8, artigo 100350, 2025. DOI: https://doi.org/10.1016/j.caeai.2024.100350. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666920X2400153X. Acesso em: 11 set. 2026.

SELWYN, Neil. **Education and technology: key issues and debates**. 3. ed. London: Bloomsbury Academic, 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

VICARI, Rosa Maria. Influências das tecnologias da inteligência artificial no ensino. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 73-84, abr. 2021. DOI: 10.1590/s0103-4014.2021.35101.006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.006. Acesso em: 12 ago. 2026.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CC BY